



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA NA OBRA “A ASA ESQUERDA DO ANJO” DE LIA LUFT

CARDOSO, Fabiano (PG), UEM, pr_fabianoc@hotmail.com

RESUMO: Neste artigo desenvolveremos o análise da obra de Lia Luft “*A asa esquerda do anjo*”(1981). Luft é uma consagrada escritora brasileira e representa, nos seus trabalhos, uma mulher em conflito com ela mesma e a sociedade. Sua obra pode ser considerada inserida em duas fases na literatura de autoria feminina: a “feminista” e a “fêmea”. Basearemos teoricamente o artigo na “Ginocrítica”, corrente literária que trata do estudo das mulheres como escritoras, a trajetória da carreira da mulher, tanto coletiva, como individual. Nesta corrente teórica enfocaremos a linha “crítico cultural” no qual se desenvolve as pesquisas fixadas nas relações de gênero e classe social, bem como, relata mudanças sociais e econômicas, dentre outros estudos. Estes pressupostos teóricos estão relacionados com a pesquisa da crítica feminista originada por Kate Millet na década de 1970 nos Estados Unidos. Por fim, a análise de cada personagem feminina terá como base teórica os estudos propostos por Zigmunt Bauman em seu ensaio “*Identidade*” (2004). Para Bauman a Identidade se constrói nas instâncias do Estado, da Família e Igreja, embora, em tempos modernos, há uma desintegração destes poderes. Pretendemos contribuir na compreensão da obra de Lia Luft e, também, nos estudos femininos.

PALAVRAS-CHAVE: Lia Luft, Crítica Feminina, Identidade.

1.INTRODUÇÃO

As evidências do crescimento de obras literárias de autoria feminina pode ser confirmada em qualquer biblioteca. O espaço que as mulheres encontram são frutos de muitos séculos de trabalho e determinação. E, em pleno século XXI, as mulheres podem afirmar que saíram da obscuridade e que outrora à margem, elas estão caminhando gradualmente para o centro da sua auto-afirmação e, cada vez mais, fazerem representadas na sociedade contemporânea.

Na literatura e na crítica literária as mulheres também estão dando passos importantes. A crítica de autoria feminina pode ser considerada, hoje, como um dos ramos mais frutíferos no estudo da literatura no Brasil. Isto porque depois dos passos iniciais na literatura, principalmente depois dos escritos de Clarice Lispector, multiplicaram-se o número de escritoras em terras brasileiras. O impressionante volume de obras de autoria feminina só pode nos encher de admiração e de orgulho, e podemos afirmar com convicção que as mulheres saíram da sombra do homem e hoje tem o seu lugar “ao sol”.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Uma destas escritoras é Lia Luft, romancista, poetisa, tradutora, além disso, exerce os papéis de docência universitária e colunista semanal da revista *Veja*. É gaúcha, da cidade de Santa Cruz do Sul, nasceu em 15 de setembro de 1938. Na sua cidade, por se tratar de uma cidade de colonização alemã, todas as crianças aprendiam a língua da pátria mãe e na escola os livros utilizados também eram alemães, Luft passou a adolescência decorando poemas de Goethe e Schiller. Posteriormente Lia Luft veio para Porto Alegre/RS, formando-se na universidade, começa a traduzir autores literários alemães, também escreveu poemas e crônicas para os jornais da cidade, no qual alguns foram adaptados para o teatro.

Lia Luft, segundo Lúcia Osana Zolin(2009), enquadra-se em duas grandes fases da obra de autoria feminina. A primeira, a fase *feminista*, com as obras: *As Parceiras* (1980), *A Asa Esquerda do Anjo* (1981); *Reunião de Família* (1982); *Quarto Fechado*(1984). A segunda na fase *fêmea*, com as obras: *A Sentinela* (1994); *O Ponto Cego* (1999).

Tomaremos como base da nossa pesquisa o romance de Lia Luft “*A Asa Esquerda do Anjo*” que tem sua data de publicação em 1981. *A Asa Esquerda do Anjo* é uma narrativa em 1ª pessoa, em que a protagonista Gisela, já velha, rememora a sua história e de sua família. Ela era filha de um descendente de alemão e uma brasileira. Moravam numa pequena cidade do Sul do país, onde a maioria de seus habitantes eram alemães. Guisela/Gisela tinha os traços de sua mãe, mas a cor da pele da família de seu pai. Na escola era ironizada pelos colegas que a chamavam de nazista.

Criada numa família tradicional alemã em que a avó, Frau Wolf, era autoridade máxima, dizendo o que era certo ou não. Esta era uma senhora insensível e autoritária que não admitia que se falasse outra língua que não fosse o alemão. A mãe de Gisela, que era nordestina, era submissa aos desejos da sogra que sempre a reprovava. O pai de Gisela sempre tentava apaziguar os conflitos entre a mãe e a esposa.

Gisela tinha um tio alcoólatra e uma tia amendrontada com a presença da mãe. Ainda havia seus primos que a ridicularizavam por ter orelhas grandes. A personagem Gisela cresceu sendo uma coisa e querendo ser outra. Foi adquirindo hábitos alemães mesmo não querendo. Falava alemão, mesmo sem querer falar.

Sua prima Anemarie era a única pessoa da família que sentia prazer em estar junto, depois de seus pais. Embora soubesse que Anemarie era a preferida da avó, era a única pessoa que fazia a senhora alemã brilhar os olhos, assim como os de Gisela também brilhavam. Sua avó tinha uma visível preferência por Anemarie por vários motivos, sendo



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

que um deles, era a cor de sua pele, branca como os alemães puros e dedicava grande parte de seu tempo a música. Até que certo dia, Anemarie fugiu de casa com Stefan, o marido de sua tia Marta. Foi um choque para toda família, que virou chacota na cidade. Dez anos depois de Anemarie ter fugido com o tio Stefan, volta ao lar da família, acometida de câncer que a levou à morte. Mesmo assim, Frau Wolf, não a perdoou, cuspiendo no caixão de sua neta.

A história continua relatando a morte da mãe de Gisela e a de Frau Wolf, a matriarca da família. Apesar de nunca ter sido boa com os fazeres domésticos, Gísela aprendeu a cuidar da casa e de seu pai. E nesse meio tempo também morreu Leo, o seu grande amor, em um acidente de carro. Com a família Wolf praticamente desestruturada, Gisela era a única que visitava o jazigo da família, porque desde pequena admirava o Anjo sentado à porta do jazigo. A personagem vive uma vida patética e cheia de complexos e frustrações, provocados pela figura da avó.

2. A REPRESENTAÇÃO DA FAMÍLIA PATRIARCAL DECADENTE NA ASA ESQUERDA DO ANJO.

O romance representa os princípios da sociedade patriarcal e do sistema religioso, tão presentes em nossa cultura. A personagem que apresenta os sistemas acima é da avó Frau Wolf. Muito embora, Frau fosse mulher, ela era a representação social de um patriarca, pois seu marido já havia falecido. Ela tem a autoridade de decidir os rumos que a família seguirá por isso, Frau se torna o símbolo da ordem estabelecida.

Na literatura brasileira, há quatro visões sobre o papel da mulher na sociedade. No primeiro encontramos o papel de mãe, geralmente vinculado à maternidade e santidade, por exemplo, a Virgem Maria. O segundo papel a maternidade imposta, uma das armas com a qual o patriarcalismo poderia subjugar a vontade feminina. O terceiro a mudança na postura feminina no mercado de trabalho. Surge, então, uma nova visão de mãe: de “santa mãezinha” para uma “super-mulher”. E o quarto papel a mulher no comando familiar acaba por assumir a mesma postura de dominação, antes exercida pelo homem. Poderíamos colocar a avó Frau Wolf no papel da mulher que comanda a família e que tem a mesma postura masculina de dominação.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

A personagem principal Gisela vive uma vida que não é dela, constantemente ela é defrontada com sua identidade. Ao contrário de sua avó, Gisela representa o ideal romântico de liberdade e independência. Chamada de Gisela pela mãe, que era nordestina e havia se mudado para o sul depois do casamento com seu pai, e, Guisela para sua avó, nome que provinha da sua descendência alemã. Com esta dupla identidade até na escola era rejeitada pelos seus colegas, em casa a avó constantemente falava de suas orelhas grandes e de seu cabelo. Veja o que afirma Maria Osana de Medeiros Costa sobre a personagem Gisela:

“em *A asa esquerda do Anjo*, a narradora Guísela vive um jogo iniciático que caracteriza a natureza ritualística do romance. O romance dividido em seis partes, todas elas iniciadas com a gestação e o parto da narradora, princípio organizador da narrativa, e da família Wolf, surgida das lembranças da narradora enquanto espera o parto. (COSTA, 1996, p.45)

As imagens doloridas que vem a mente de Gisela, principalmente dos desmandos de sua avó Frau Wolf, são relatadas no romance. Gisela, também, conta alguns segredos da sua família. Carrijo (2010) chama estas histórias de memória ficcional. Os segredos de Gisela estão escondidos metaforicamente em uma portinha no porão; as mortes dolorosas e o anjo que guarda o mausoléu dos Wolf, os anseios e a culpa que a impedem de viver uma relação amorosa; a busca incessante pela aprovação em um lugar onde ela jamais seria igual aos outros.

3. AS PERSONAGENS FEMININAS NA OBRA.

Lia Luft mostra o drama da mulher na construção de suas personagens no romance *A asa esquerda do anjo*. Através contestação dos valores patriarcais, das normas rígidas e moralistas estabelecidas dentro da família pela “cabeça” da casa. As protagonistas ficam presas as regras, as leis e ao jogo social.

Na personagem de Frau Wolf originam-se a maioria dos conflitos existenciais de Gisela. Seu aparente menosprezo para com a neta tem fortes impactos em toda sua vida. Frau Wolf reproduz a estrutura desgastada da ordem patriarcal; daí ser esta personagem em grande parte, a responsável pelos conflitos da narradora.

O nome de Frau se origina de Úrsula (Ursa menor): Constelação menor de mulheres que têm Wolf (Lobo) como sobrenome significando dependência do guardião devorador



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

(medos e traumas da infância). Ela, também, usava uma bengala que ela não se apoiava até que sua neta preferida, Anemarie, fugiu com o esposo de sua filha. A bengala somente é utilizada como símbolo do poder para valorizar a imagem de Frau Wolf. Veja alguns trechos que deixa claro o poder exercido por Wolf na família: “Frau Wolf tiranizava a família toda, mas ninguém se queixava, muito menos aquela filha insignificante, casada com o grosseiro tio Ernst...” (LUFT, 1981, p. 18). Seu poder era exercido com extremo rigor e não deixava intimidar-se: “Minha avó, a “verdadeira Frau Wolf”, como gostava de dizer, morreu aos noventa anos, e até o fim sentou-se ereta na beira da poltrona” (LUFT, 1981, p.17).

Como todo tirano Frau Wolf, também, cultivava alguns hábitos que perdurou durante toda a sua vida:

“Frau Wolf tinha poucas fraquezas. Mas cultivava algumas manias, como o rigor absoluto quanto a limpeza e ordem, e o extremado carinho por sua coleção de relógios. Colecionava-os havia muitos anos, uma boa quantidade se espalhava por toda a casa. Dava-lhes corda diariamente. Em geral batiam juntos, com diferença de frações de segundos, como se até mesmo as máquinas obedecessem à grande dama. Para mim, os relógios eram a voz da casa. Sinistra, intercalando-se ao incessante tique-taque, a contar as horas que não se podiam mais recuperar e às quais não era possível fugir. Maquininhas somando, subtraindo: hora de Frau Wolf aparecer no alto da escada;...” (LUFT, 1981, p. 43)

Nada escapava dos olhares de Frau Wolf, seu poder era absoluto, nas reuniões de família todos poderiam discutir o assunto em pauta, mas a última palavra sempre era dela: “Eram as reuniões de família, também sob império de Frau Wolf, que a todos controlava com olhos atentos e a tudo avaliava com opiniões indiscutíveis” (LUFT, 1981, p.19).

Por Gisela não ter somente sangue alemão ela sentia muito, talvez mais que todos o peso da opressão de sua avó, por isso, quando passeava sozinha com seus pais sentia-se mais livre:

“Havia bons momentos na chácara, quando minha avó não ia junto. Meus pais passeavam de braço dado, riam no quarto, nos descontraíamos, eu participava das conversas à mesa, espiava a cozinha enorme, com fogão de lenha...” (LUFT, 1981, p.49).

Wolf é caracterizada como uma tirana, todos tinham que obedecer as suas ordens. Seus gostos eram sempre acatados. Uma família alemã, mesmo em decadência, obedecia irrestritamente às ordens da matriarca da família. O importante é que ela não abaixava sua cabeça, nada parecia abalá-la. Nem mesmo a morte de Anemarie, a neta predileta, fez com



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

que descesse da sua arrogância, muito embora depois disso ela começou a definhar-se até sua morte.

Freud vê no ato de Frau Wolf deixar de dar corda aos relógios uma expressão simbólica de que pouco importa viver o dia seguinte. Enfim, cessam os rituais da vida, depois da morte de Anemarie, para dar lugar aos rituais da morte, pois Frau Wolf desiste de tudo: “Da pose, da farsa, do palco” (LUFT, 1981, p. 132).

“Não apenas ela esquecia-se de dar corda aos relógios”, como também, andava pela casa parando os pêndulos e os maquinismos. Fazia isso diariamente, porque todas as noites alguém, talvez, tio Ernest, que ainda vivia com ela e a detestava, seguia a mesma trilha de salas e corredores e lhes dava corda outra vez. Essa brincadeira sinistra durou até a morte dela. Havia quem dissesse que a própria ‘baronesa’ descia as escadas à noite e dava corda aos relógios para durante o dia fazê-los parar[...]Quando a interoguei, respondeu simplesmente: Não gosto de ouvir quando batem as horas: estão chamando a morte. E nunca mais foi comigo ao cemitério, visitar o Jazigo. (LUFT, 1981, p.121)

Uma outra da personagem mais trágicas da família Wolf é tia Helga. Ela era uma mulher frágil e doente fora vitimada pelo mal de Parkinson. A respeito de sua cabeça Gisela comenta: “balouçava, de início mansa, depois frenética, negando, negando, mesmo quando queria afirmar” (LUFT, 1981, p.39).

Seu estado inspirava cuidados constantes. Num certo dia, é abusada sexualmente pelo próprio marido, episódio que foi assistido por Gisela. Ela, é mãe de Anemarie, tem o desgosto de ver filha fugir com o próprio tio, causando desgraça para toda a família Wolf sendo motivo de fofoca na pequena cidade.

A história de tia Marta é mais dramática do que da tia Helga. Ela representa a vertente feminina de mulher mártir, sofredora, resignada e de conduta exemplar. Casara duas vezes: do primeiro casamento restaram-lhe quatro filhos; do segundo, restou-lhe a traição do marido Stefan. Ele era bem mais jovem do que ela e fugiu com sua sobrinha Anemarie. Tio Stefan, movido por uma cega paixão, “não fitava, espreitava Anemarie” (LUFT, 1981, p. 71) e apenas vivia “amarrado” a tia Marta por conveniência”. (LUFT, 1981, p. 75)

Depois de ser abandonada por Stefan tia Marta dedica-se exclusivamente as receitas e a culinária como forma de suportar a dor do abandono, a tristeza de ver sua sobrinha e seu marido fugirem deixando-a na solidão.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

A personagem mãe de Gisela é retratada como uma mulher cheia de alegria e capacidade de adaptação (LUFT, 1981, p. 21). É a cheia de dons, de virtudes, a boa dona de casa, mas vivia sempre esperando a aprovação do marido e da sua sogra. Maria da Graça é o símbolo da mulher na sociedade patriarcal, da mulher cheia de graça, porque “os trabalhos domésticos a que está voltada, porque só eles são conciliáveis com os encargos da maternidade, encerram-na na repetição e na imanência...” (BEAUVOIR, 1980, p. 83).

Gisela sente-se a vontade quando está com ela. Talvez, seja a mulher que mais Gisela admire em todo o romance. Maria da Graça não é alemã, ela é do nordeste do Brasil, sentia-se solitária, talvez, por isso, buscasse tanto a aprovação dos familiares de seu marido: “Cálices de cristal, bebidas estrangeiras. Meu pai solene; minha mãe, cabelo preso no alto, ansiosa para que ele aprovasse os preparativos. Via-se que ficava encantada com seus elogios: estava sempre querendo agradar ao marido e à nova família” (LUFT, 1981, p.31).

A personagem prima de Gisela é Anemarie. Ela sempre foi a imagem da perfeição da família Wolf, a neta mais amada de matriarca Frau Wolf. Em suas visitas a família tocava piano e violoncelo. Celebrada por todos era o simbolismo ideal para Gisela. Para Brandão (1999, p. 46), o tabu “caracterizado como social está relacionado a Anemarie”:

Eu me encolhia envergonhada. Anemarie, na sua última visita, fora elogiada entre minha avó e tias por causa de seu corpo. Parecia uma Valquíria, comentaram, e eu sabia que as valquírias eram seres mitológicos, mulheres fortes e bonitas, com cabeleiras louras. Anemarie não era robusta, mas era alta, tinha seios, quadris, bela postura, tudo que me faltava. (LUFT, 2004, p. 69)

Para Gisela, sua prima Anemarie era seu exemplo, tudo fazia para ser igual a ela, pois Anemarie era considerada por todos o futuro dos Wolf. Anemarie era aplaudida pela sua beleza e capacidade musical, também, sua educação era muito elogiada:

Quase sempre distante, continua sendo, pra mim, uma figura de perfeição. Não posso imaginar Anemarie fazendo travessuras em criança, tirando notas baixas na escola, mostrando a língua para a avó quando esta não vê, levando sermões de tio Ernst, relaxando nos estudos do violoncelo. (LUFT, 1981, p. 71)

Anemarie tocava o violoncelo entre suas pernas para toda a família que assistia admirada. Para Costa (1996), por meio do violoncelo, Anemarie condensa a libido: “Anemarie, que nunca tivera namorado: contentar-se-ia com o violoncelo entre as pernas,



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

que nada exigia, nada impunha?” (LUFT, 2004, p. 47). “Ainda hoje meu coração dói quando me lembro de Anemarie, a auréola dos cabelos de ouro, a pedra do único anel a chamejar na luz, a mão no arco extraído do corpo de madeira, unido ao seu, os lamentos de quem sofre, de quem ama” (LUFT, 1981, p. 52)

Para Costa(1996) há uma identidade entre o anjo do jazido da família Wolf e Anemarie. Para a autora, Anemarie representa a identidade da família na vida, assim como o Anjo representa a identidade depois da morte:

O que aconteceu com Anemarie provou que a “família” era apenas um nome, uma série de poses, talvez sobretudo uma aflição. Pois esta massa com tantas cabeças, olhos e bocas e nomes, predestinada a juntar-se paulatinamente no Jazigo, fragmentou-se em estilhaços: desde aquela hora fomos sombras apartadas, esquivas, suspeitando uma das outras: este teria sabido? Alguma outra teria sido cúmplice da trama inimaginável da traição? Pois Anemarie traíra a família Wolf. Antes, era como se a tocadora do violoncelo, idealizada, quase irreal, fosse a nossa identidade. Desmoronada a estátua, nos dispersamos. Só a sombra do Anjo ainda nos preservava, nos possibilitava fingir de maneira convincente que éramos uma família estável e limpa. (LUFT, 1981, p. 85)

Quando Anemarie volta para casa, depois de dez anos sem ninguém saber onde estava com tio Stefan, já está no estágio terminal de um câncer que destruíra sua beleza e juventude. Podemos inferir que esta doença é a manifestação da culpa por ter transgredido as regras familiares:

“Só que não era Anemarie. Os dez anos passados tinham sido como cem. Na cama do quarto de menina, onde a um canto repousava o violoncelo que não levava consigo, jazia uma velhinha. O câncer a devastara de maneira tão impressionante que só reconheci a cabeleira, massa de ouro com um resto de vida. O corpo miúdo quase não fazia volume debaixo do cobertor. “Procuramos nas gavetas, nos armários, e fiquei surpresa ao ver que Frau Wolf conservara até os cadernos escolares de Anemarie. Por fim, pegamos o vestido azul com que tantas vezes tocara na sala de música, anjo louro e sensual. A estátua do nosso jazigo parecia um rapaz, mas tinha seios pertubadores. Dúbio companheiro de morte.” (LUFT, 1981, p. 115)

Nesse sentido, cabe uma reflexão de Brandão sobre a personagem. Ela cita Freud mostrando que “qualquer um que faz o que é proibido, isto é que viola o tabu, se torna ele próprio tabu”. Isso quer dizer que Anemarie, ao violar o tabu do incesto, fugindo com o marido da tia, “destrói o pacto civilizatório tão ditatorialmente defendido por sua avó”. Dessa forma, ela se torna tabu, não podendo mais seu nome ser pronunciado, evitando assim que seu gesto seja imitado. A doença devastadora, sobretudo de sua beleza, é a drástica punição por sua falta. “O câncer começara no útero, órgão da vida, mas que, no caso dela, deu nascimento a morte.” (1999, p. 48)



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

A reação de Frau Wolf é a de pessoas que prezam por manter as aparências: “Minha avó contemplou a criatura que talvez mais tivesse amado na vida. A mão tremeu na bengala, os olhos desbotados não pestanejavam. Depois, deu um passo atrás e, sem qualquer aviso prévio, cuspiu no chão, diante da caixa negra” (LUFT, 1981, p. 117)

A personagem Anemarie sofre uma terrível reviravolta, antes considerada por todos exemplo a ser seguido, depois de sua fuga acaba tornando-se a vilã do romance. A família Wolf nunca mais foi a mesma depois deste episódio. Frau Wolf começou a definhar até a sua morte, talvez, por desgosto de ver sua neta predileta fugir com seu próprio genro.

4. GISELA/GUISELA A BUSCA DE IDENTIDADE

A pergunta que permeia os conflitos da personagem Gisela durante todo o romance é sobre sua identidade. Ela sempre está tomada pela ambigüidade, a começar pelo próprio nome da protagonista narradora: é Gisela ou Guísela? Estas ou outras questões são as marcas que percorrem toda a trajetória da protagonista. Para Costa (1996), Gisela representa a asa esquerda do anjo:

Sou uma mulher normal?

Sou? Guísela ou Gisela? Ódio ou amor? Fogo ou gelo? Meu lugar ainda é nos braços de Leo, que me ama? Ou nesse campo de neve, eu comigo mesmo encastada no corpo imune a qualquer toque, qualquer afago, incandescido apenas à memória do que poderia ter sido e não foi? (LUFT, 1981, p. 47)

A inquietação de Gisela é uma característica da mulher moderna. A dúvida entre os cuidados da casa e tomar os rumos da sua própria vida em busca da própria afirmação, da sua identidade. Sobre este assunto, Bauman esclarece que:

num ambiente de vida líquido-moderno, as identidades talvez sejam as encarnações mais comuns, mais aguçadas, mais profundamente sentidas e perturbadoras da ambivalência. É por isso que estão firmemente assentadas no próprio cerne da atenção dos indivíduos líquido modernos e colocadas no topo de seus debates existenciais. (BAUMAN, 2004, p.38).



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

A trajetória de Gisela/Guísela no romance é marcada pelo sofrimento por se sentir diferente de sua família paterna e o medo da reprovação dos outros, principalmente de sua avó:

Guísela para uma, Gisela para outra. À noite, fantasmas; de dia, dúvidas. E eu? Eu me sentia exposta, avaliada, reprovada. Os exercícios de piano iam mal; a letra gótica saía mole da mão canhota; as orelhas de abano, a minha avó sempre sugerindo que dormisse com uma touca apertada, para corrigi-las.” (LUFT, 1981, p. 52)

As ações de Gisela eram sempre avaliadas e criticadas, por isso, desde cedo sentiu o peso de ser rejeitada e viver em constante conflito com sua personalidade, sua aparência física. Constantemente via-se como uma pessoa que não fazia parte daquele mundo onde vivia. Seus conflitos serão analisados no próximo tópico.

4.1 A ORIGEM DO CONFLITO DA PROTAGONISTA

Na infância os principais conflitos da protagonista Gisela reflete-se num binômio social que é a Natureza versus Cultura. A Natureza é símbolo de liberdade de momentos de prazer e alegria, enquanto que a Cultura simboliza as leis rígidas da moral estabelecida para manter a ordem. Observamos pequenos momentos de liberdade quando Gisela está em contato com a natureza: “Sinto um prazer animal, primitivo, ao mexer no proibido, sempre me proibiam de pegar em coisas sujas, terra, areia, capim, bichos.” (LUFT, 1981, p. 60). Mas neste momento de prazer a interferência da avó que reprova suas atitudes, deixa-a novamente triste. A repressão da avó faz com que se sinta suja:

Mas que falta de higiene! (...) A areia está cheia de vermezinhas que não se vê! Guísela, vá se lavar, depressa, depressa! Garanto que você já está toda cheia de bichinhos imundos. [...] Começo a gritar horrorizada, sinto-me invadida por milhares de vermes nojentos que se agitam, estou irremediavelmente imunda. Levam-me para dentro. Minha mãe me lava com cuidado, me consola, mas sinto-me violada. À noite, meu corpo comicha, sensações estranhas no sexo, no ventre, estou contaminada.” (LUFT, 1981, p. 60)

Para Brandão essa “deve ter sido a semente desse bicho horrível que está se preparando para expulsar” (1999, p.43). A proibição de, principalmente, uma menina não se



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

sentar em determinados lugares tinha, para a avó, um caráter nitidamente sexual, pois, através das aberturas femininas, pode penetrar no corpo da mulher tudo o que é feio, sujo, agressivo, desde algum verme até o pênis do marido.

Outro conflito que Gisela sentia era no amor. Ela se sentia suja quando estava com seu namorado, sentia, também, culpa e medo. Fica evidente no episódio do pássaro. Ela ganha um pássaro de seu pai, mas sua avó repreende-a por considerá-lo sujo. Gisela, então, mata o pássaro em sua mão. Veja o que Gisela comenta sobre este fato: “Matei o que amava, porque o quis reter comigo e não deixaram. Então eu não sabia que pássaros tem piolho. Não era limpo amar.” (LUFT, 1981, p. 65)

A avó, ao provocar a morte do pássaro, faz com que a concepção de que “não era limpo amar” entrasse na formação do seu superego. Para Brandão, “assim foi crescendo Guísela/Gisela cheia de culpa e dúvidas, dividida, sem saber qual era seu verdadeiro nome” (1999, p. 44).

Gisela tinha horror do seu corpo: “[...]Minha mãe talvez, parando um pouco para respirar onde a escada faz uma dobra. Mas não tenho medo; todo o horror agora se concentrou no meu próprio corpo.” (LUFT, 1981, p. 58) Esse horror acentua-se quando, ainda noiva de Leo, ela surpreende tio Ernst abusando da tia doente. Ao ver aquela cena, Gisela solta uma “*exclamação com um grito. Tio Ernst virou-se e, pela primeira vez, eu vi: o membro tesó, esticado roxo*”.

Sem conter a emoção, Gisela chora desesperadamente e, até mesmo em relação a Leo, ela conclui que “não era limpo amar”, pois a partir daquele dia “*cada vez que Leo se fazia mais íntimo, era tio Ernst que eu sentia contra mim e de quem fugia*” (LUFT, 1981, p. 96)

Com todos estes conflitos que não podia evitar Gisela rompe com seu noivo Léo: “Estava exausta. O noivado durara anos. Não havia mais razão para continuar. Eu possuía um enxoval enorme, suficiente para duas noivas. E não suportava mais abraços, beijos, carícias íntimas, o coração doente porque a morte e a decomposição roíam pessoas a quem eu amava”.

Gisela desenvolve uma espécie de verme que a devora a protagonista. Este verme invasor pode ser considerada como uma a metáfora das culpas que ela sentia por ser rejeitada:

[...] Agora, preciso concentrar-me neste ritual: ficarei aliviada e limpa depois do horrendo parto. Deitar-me nesta cama branca e deixar que meu corpo



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

expulse seu violador? Meu inquilino reviveu. Fênix monstruoso, assoma de noite, enche meu estômago, rasteja até a garganta, como se do lado de fora dos meus lábios alguém chamasse, vem, vem, vem” (LUFT, 1981, p. 11-2)

O verme só é expulso, em forma de parto, no fim do romance. Isso simboliza a liberdade que ela procurava? Vejamos o relato da protagonista:

“Não tive um filho de Leo, não abri minhas pernas, mas pari esta criatura que, enrodilhada, bebe o leite. (...) O amor é a morte? Devagar, meu habitante se vira, o leite acabou mas ele ainda está faminto, vira-se em minha direção, balançando pesadamente a parte erguida do corpo. Vira-se mais, sei que vai me encarar. Minha identidade _ qual é a minha identidade? (...) Um suspiro, um lamento perpassa pela casa. Sussurros que se fundem e gemem. Meu habitante e eu somos a única criatura viva nesse quarto” (LUFT, 1981, p. 140-1)

Para Costa (1996), a história de Gisela, terrivelmente marcada pela repressão sofrida na infância, faz com que ela sublime a libido por meio da virgindade. Desse modo, o corpo que se fecha para o sexo se abre para a palavra (parto pela boca): “O parto é, portanto, a grande metáfora da criação literária”. (p. 54)

A personagem principal Gisela e sua prima Anemarie representam duas facetas opostas da sociedade patriarcal. Para Costa (1996), as duas asas do Anjo. Gisela representa o padrão, buscando sempre ser aceita ao imitar a avó, temida e respeitada. Já Anemarie transgredir as leis impostas à mulher naquela sociedade, sobretudo na família Wolf, ao fugir com o marido da tia. Ambas fracassam e sofrem com o peso da culpa – esse é o traço mais característico das narrativas de Lya Luft, dos anos 80.

5. PERSONAGENS EXILADAS

No romance *A asa esquerda do anjo*, Lia Luft destaca as personagens femininas que simbolizam a solidão e o isolamento. Elas convivem com a tristeza, falta de paz e expectativas para o futuro. Vamos analisar como cada uma é representada em seu exílio.

A personagem Frau Wolf sente-se exilada da sua amada Alemanha e, mesmo no Brasil, tenta impor um sistema familiar, seguindo tradições ultrapassadas:

O apego às tradições de seu país também vai se frustrando, meus primos já não falam alemão; agora rapazes, não comparecem aos almoços. Em



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

pouco tempo talvez não venhamos mais a festejar o Natal com as velhas canções alemãs; depois de tia Marta, quem executará suas receitas? (LUFT, 1981, p.77)

A prima de Gisela Anemarie vivendo entre os seus, tem seu coração voltado a um amor condenável; fugindo com seu amor, não consegue ser feliz e volta para morrer em casa. Para Costa, “Sua volta à casa, depois de dez anos, aponta para duas direções: de um lado, o resgate da instituição familiar; de outro, é um desejo de volta às origens, à infância, expresso muito bem na sua relação edipiana com o pai” (1996, p.50)

A mãe de Gisela, Maria das Graças, habitante do norte do país (País Sol), mas tem de viver no frio sul do país ao lado da família do marido, que não a aceita.

Gisela sente-se exilada na própria família, por ser diferente. Ela era morena, canhota. Simboliza o lado esquerdo da família, e a própria asa esquerda do anjo.

O Anjo do jazido da família Wolf. Ele é exilado do céu, seu lugar não é na terra a espreitar os vivos. O anjo é uma figura ambivalente e ambígua. Para Brandão, “a ênfase dada a sua asa esquerda, sem dúvida, aponta para a situação da mulher, não só como ser social, mas, e sobretudo, como indivíduo” (1999, p. 50)

6. CONCLUSÃO

As identidades femininas relatadas no romance “*A asa esquerda do anjo*” evidenciam a vida social de um grupo, neste caso, alemães que tentam sobreviver numa sociedade diferente.

A matriarca Frau Wolf ainda vive sobre o peso do passado, sua vida não evoluiu, ela não conseguiu adaptar-se ao mundo moderno. Já Gisela nasce num contexto bem diferente da sua avó e, por isso, vive este dilema de pertencer a uma família com origem na Alemanha, mas que está em terras brasileiras.

O dilema de Maria da Graça, mãe de Gisela nasce da contradição de ser uma nordestina que se une com um descendente de alemães que cultivam as tradições de seu país. Ela tem sua identidade nordestina anulada para viver harmoniosamente com seu marido e sua sogra. Maria das Graças é destacada como uma mulher sofredora, mas tudo suporta para que a harmonia da família não acabe.



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

Os papéis das tias Helga e de Marta são de mães e esposas sofredoras, ambas acometidas pelos males humanos (saúde e emocional). São referências de pessoas que sofrem pelo mal causado por outrem. Mesmo sofrendo, procuram corresponder aos papéis impostos pela sociedade patriarcal de boas mulheres e mães que a tudo suportam resignadas e caladas.

Anemarie é símbolo da mulher que se rebela com a ordem social imposta. Seu grito de liberdade é fugindo com o marido de sua tia e trazendo a desonra a toda família Wolf. Mas uma súbita doença a traz novamente ao seio da família para sua despedida final. Sua morte restaura o estado normal, evidenciando que a mulher que foge as convenções são punidas.

A protagonista e personagem principal Gisela é a última integrante da família a morrer. O jazido da família está completo, já não se encontra mais lugar para ela. Novamente, ela seria deixada de lado uma vez que nem na morte poderia juntar-se a família. Gisela dividia-se, então, entre obedecer sua avó e fazer assumir sua própria identidade, mostrando uma característica marcante dos nossos dias.

Nisto percebemos que uma pessoa precisa assumir várias identidades no decurso de sua vida. Fica evidente as identidades múltiplas nas pessoas, quando elas precisam ser diferentes no seio da família, no trabalho, nos estudos, com os amigos, etc. O próprio Bauman sentiu este dilema quando estava na Inglaterra, seria inglês ou polonês? A Polônia era seu país natal, mas a Inglaterra havia acolhido-o quando foi exilado.

Em nossos dias a crise de identidade é uma atitude que beira a normalidade. No mundo globalizado a ordem é aceitarmos qualquer identidade. Embora os grupos considerados de menores possam, ainda hoje, oferecer vários riscos. Nossa personagem Gisela passou por várias situações constrangedoras por ser considerada diferente, sua avó pedia que corrigissem sua orelha, que fizesse as tarefas domésticas com maestria como os membros da família.

Que o mundo possa respeitar as diversidades e a reflexão de Lia Luft possa atingir a sociedade. Das páginas deste romance começa um debate sobre a atual condição do ser humano que ainda continua a margem da sociedade.

REFERÊNCIAS



VI EPCT

Encontro de Produção Científica e Tecnológica

24 A 28 DE OUTUBRO DE 2011

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. (trad. Carlos Alberto Medeiros). Rio de Janeiro: Zahar, 2004.

BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana(orgs). **Teoria Literária: Abordagens Históricas e Tendências Contemporâneas**. 3 ed. EDUEM, Maringá-PR, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. 4.ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BRANDÃO, Lucília Soares. **“O enigma do anjo: algumas reflexões sobre A asa esquerda do Anjo, de Lya Luft.”** In: CUNHA, Helena Parente. (org.) *Desafiando o Cânone: aspectos da literatura de autoria feminina na prosa e na poesia (anos 70/80)*. Rio de Janeiro; Tempo Brasileiro, 1999.

CARRIJO, Silvana Augusta Barbosa. **“As águas das (des)memórias na prosa de Lya Luft”**. *Letras & Letras*. Uberlândia **26** (1) 75-99, jan./jun. 2010.

CIPRIANO, Maria do Socorro. **“Freyre e seus fantasmas: a sociedade patriarcal e a botija”**. Disponível em:
<http://www.pgh.ufrpe.br/brasilportugal/anais/8a/Maria%20do%20Socorro%20Cipriano.pdf>

COSTA, Maria Osana de Medeiros. **A mulher, o lúdico e o grotesco em Lya Luft**. São paulo: Annablume, 1996.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos: a continuidade de Casa-Grande & Senzala**. 11ª edição. Rio de Janeiro; São Paulo: Editora Record, 2000.

LUFT, Lya. **A asa esquerda do Anjo**. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

ROESE, Anete. **“O silenciamento das deusas na tradição interpretativa cristã: uma hermenêutica feminista”**. In: *A. Aletria - Revista de Estudos de Literatura* . Volume 20, n. 3. set/dezembro 2010.

SHOWALTER, Elaine. **“A crítica feminina no território selvagem”**. In: HOLLANDA, Heloísa Buarque (org.). *Tendências e impasses. O feminino como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994. pp. 23-57.

XAVIER, Elódia. **Narrativa de autoria feminina brasileira: as marcas da trajetória**. *Rev. Mulher e Liter.*, Rio de Janeiro: 1998. Disponível em:
<HTTP://www.openlink.com.br/nielm/revista.htm>, acesso em: 27 abr. 2011

_____. **“Lya Luft: A desconstrução do gênero**. In: *Declínio do patriarcado: A família no imaginário feminino*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1998.

http://pensador.uol.com.br/autor/lya_luft/biografia/, acesso em: 04 jun. 2011.

http://www.releituras.com/lyaluft_bio.asp, acesso em 04 jun. 2011.